

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE II)
16 e 23 de julho de 2025

IL MIO NOME È NESSUNO / 1973

(*O Meu Nome é Ninguém*)

Um filme de Tonino Valerii

Realização: Tonino Valerii / *Argumento:* Ernesto Gastaldi, baseado numa história do próprio e de Fulvio Morsella, ideia da autoria de Sergio Leone / *Produção:* Fulvio Morsella / *Produção Executiva:* Sergio Leone, Claudio Mancini / *Montagem:* Nino Baragli / *Direção de Fotografia:* Armando Nannuzzi (EUA), Giuseppe Ruzzolini (Espanha e França) / *Assistência de Realização:* Stefano Rolla / *Música:* Ennio Morricone / *Design de Produção:* Gianni Polidori / *Guarda-roupa:* Vera Marzot / *Interpretações:* Terence Hill (Nessuno), Henry Fonda (Jack Beauregard), Jean Martin (Sullivan), R. G. Armstrong (R. K. Armstrong), Karl Braun (Jim), Leo Gordon (Red), Steve Kanaly (Barbeiro Falso), Geoffrey Lewis (Líder do Wild Bunch), Neil Summers (Squirrel), Pierro Lulli (Xerife), Mario Brega (Pedro) / *Cópia:* DCP, cor, falado em italiano, com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 116 minutos / *Estreia Mundial:* 13 de dezembro de 1973, República Federal Alemã / *Estreia Nacional:* 8 de agosto de 1974, Avis/Eden/Roma, Lisboa / *Primeira passagem na Cinemateca.*

As grandes histórias contam-se assim: *anedoticamente*. Este filme de “histórias sobre a História” nasce sob a sombra de um gigante como Sergio Leone, autor da ideia, produtor executivo muito intervventivo na realização, trazendo para a equipa de produção vários homens da sua confiança, como seja o montador Nino Baragli, o compositor Ennio Morricone, e ainda o diretor de fotografia Giuseppe Ruzzolini ou, porque não?, Henry Fonda, cerca de cinco anos após **C'era una volta il West** (1968), transformado – e desfigurado moralmente face à sua imagem de impoluto defensor dos mais fracos, desde pelo menos **My Darling Clementine** (1946) ou **Young Mr. Lincoln** (1939) – num vilão asqueroso ou, aqui, num herói duvidoso. Falta, contudo, falar de Tonino Valerii, que fora assistente de realização de Leone em **Per un pugno di dollari** (1964), o primeiro filme da mítica “Trilogia dos Dólares”, responsável pela afirmação internacional do *western* italiano. E que realizara o magnífico **I giorni dell'ira** (1967), um dos melhores *western spaghetti* protagonizados por Lee Van Cleef e por Giuliano Gemma, e que se baseava no mesmo tipo de relação, gato-rato, entre dois homens, um *com* o outro, um *contra* o outro.

Por muito que se possa afirmar que a verdadeira autoria deste **Il mio nome è nessuno** pertença a Leone (o próprio ajudou a difundir esta ideia e, para grande insatisfação pessoal de Valerii, Terence Hill acabou por secundar esta versão dos factos), é indesmentível o quanto frutuoso pode ser o diálogo a fazer-se entre este filme e **I giorni dell'ira**, até porque em ambos se encena essa dúvida sobre a verdadeira natureza ou o verdadeiro fito da relação que se estabelece entre dois homens, um mais inexperiente do que o outro, um a olhar – e a venerar – o outro, mas em que medida não será este um “olhar envenenado” pelo desejo de (mais) poder ou de uma certa ultrapassagem histórica? É aí que o texto filosófico se adensa nesta obra já da fase tardia do subgénero. Neste particular, importa falar da “carta fora do baralho” aqui ou, pondo de outra maneira, para o “sinal dos tempos” que é a aparição de Terence Hill como coprotagonista. Ele surge aqui ainda (excessivamente?) preso à sua *persona* cómica Trinità, algo talvez sugerido pelo próprio título que Valerii e/ou Leone deram a esta saga (meta)histórica, porquanto parece responder com ironia aos tomos iniciais da interminável série de obras de ação e aventuras protagonizada por Hill e Bud Spencer: **Lo chiamavano Trinità...** (1970) e ... **continuavano a**

chiamarlo Trinità (1971), ambos de Enzo Barboni, a.k.a. E. B. Clucher. Poder-se-ia dizer que agora o Trinità ganha todos os nomes e nenhum, um pouco como Harmonica (Charles Bronson) em **C'era una volta il West** respondia pelo nome de todos aqueles que caíram face à “lei da bala” ditada por Frank (Henry Fonda, precisamente). Na dinâmica cômica ou grotesca que estabelece com Bud Spencer, Hill é o *cowboy* indolente e insolente; alguém que surge tantas vezes a refastelar-se, despreocupadamente deitado ou a observar o desenrolar da cena (de uma rixa, por norma) com um sorriso jocoso estampado no rosto. Ele já era, nos filmes de Barboni, uma espécie de *alter ego* do próprio espectador, alguém que se coloca, algo indolentemente, de fora a observar. E que muitas vezes, por força dessa insolência, também parece saber mais do que todas as outras personagens, afirmando-se não somente como alguém “dono do seu destino” mas que contempla, “de cadeirinha”, o espetáculo da vida, fingindo muitas vezes “não ter nada com isso”. Talvez por isso Barboni e mesmo aqui Leone e Valerii lhe atribuam poderes quase sobrenaturais, nomeadamente uma capacidade extraordinária para habitar o espaço *off*, quer dizer, para aparecer e desaparecer, e esbofetejar todo o tipo de bandidos à velocidade da luz. É em regra por causa de Hill, da sua presença de observador-cômico-jocoso, que o filme em si mesmo se transmuta na sua linguagem, em acelerações ou congelamentos bruscos da imagem, como se fosse por dentro, pela pura presença deste ator/personagem, que, parafraseando Leone a propósito da ideia para esta história, o mito se converte em caricatura.

O coprotagonista que é, ao mesmo tempo, uma espécie de caricaturista, espectador e historiador choca de frente com o objeto, seríssimo, do seu “projeto de investigação”: Henry Fonda, um famoso (ou infame) pistoleiro que anseia por uma reforma dourada de volta à sua terra natal. Todavia, “Nessuno” tem outros planos para ele, mais perversamente, *atirá-lo para a História*, que é uma outra maneira de dizer “torná-lo eterno”. Para tal, a personagem de Fonda tem de se expor, como nunca antes, à sua própria morte, a um risco sem precedentes na história do *wild west*. E tudo isto deve ser cuidadosamente encenado (de novo, eis Hill como um autêntico observador-*metteur en scène* da e na narrativa). Até o convencer a fazê-lo – *a fazer História* –, **Il mio nome è nessuno** é quase um filme típico da série Trinità, repleto de números cômicos, alguns particularmente esdrúxulos (é um exemplo disso a cena no WC que Valerii sempre detestou mas foi filmada e imposta na montagem final por Leone), outro com apreciável graça tal o talento de Hill para a comédia física (a cena com o boneco de feira que esbofeteia os seus adversários com a força bruta de um Bud Spencer e a velocidade louca típica de Hill-Trinità enquanto é manobrado com agilidade por “Nessuno”, mais uma vez habitando cada ângulo morto com uma precisão perversa).

Esta tendência para a comédia – que também se revelou algo autodestrutiva para o *spaghetti*, o que se comprova pela longevidade notável da dupla Hill-Spencer muito para lá do definhamento do subgênero – mistura-se de modo operático com uma meta-reflexão sobre como a História se escreve ou se inscreve; como a História ou um conjunto de histórias acedem à grande narrativa dos livros, eternizada em papel e no imaginário coletivo. O duelo final – o momento mais esperado de tantos *westerns* – foi rodado e conceptualizado por Leone e o seu montador, Nino Baraglia. Mistura ribombante de pompa e delírio, êxtase e espanto, entre a máxima imobilidade da matança precisa do *cowboy* envelhecido e a cavalgada (nada) heroica de um *wild bunch* ansioso por deitar abaixo “o mito”. Mas este último subsiste, a cada disparo, à medida que o exército imenso socobra. Uma alternância notável – *peckinpahiana*, diria, para ser mais preciso – entre o movimento e a imobilidade, com a montagem a tender para uma sucessão de *stills*, em *freeze-frames* que interrompem, em êxtase, o movimento das imagens. Disparar como fotografar, fotografar como *reter, inscrever e esculpir* no tempo a figura sempiterna do mito humano.

Luís Mendonça